



De origem persa, a palavra paraíso (*pairi-daeza*) designa o grande jardim murado, contíguo ao palácio real. O conceito entra no universo cristão através da Bíblia dos Setenta, que consagra o termo *paradeisos* para traduzir *gan*, o termo hebraico que designa o Jardim do Éden.

Na metáfora da Jerusalém celeste que é o mosteiro, o claustro é a metáfora do Paraíso. Espaço da CRIAÇÃO, a sua forma é a de um quadrado, cruzado por áleas que o dividem em quatro e que são os seus quatro rios, que se encontram ao centro, num tanque, em forma de círculo – o *omphalos* da nova cidade, a “coluna” através da qual o mundo inferior e o mundo superior se comunicam.

Em Cister, a escultura grotesca cede lugar à beleza pura e austera das árvores do paraíso: as colunas são os troncos, os capitéis, as copas. O paraíso é oriental, a árvore do paraíso é a palmeira. No claustro cisterciense, a pedra convoca a natureza criada por Deus para alimento do homem-criado.

A água é a fonte da vida e o mosteiro de Cister é um mosteiro sobre a água. O tanque central do jardim do claustro recebe a água que vem isolada desde a nascente, a mesma água que cruza a nave e a divide em dois, a mesma água que alimenta o lavabo, que reproduzindo a simbologia do baptistério, recebe e distribui a água que é a dos rituais de purificação que a cada momento preparam o monge para a etapa seguinte - a tonsura, o ofício divino, a refeição.

O Claustro é o cosmos: fechado ao exterior, cercado por quatro alas, como as quatro direcções do mundo, que o monge percorre na sua peregrinação pela *via crucis*, de manhã, a seguir ao ofício de Prima, e à noite, para o ofício das Completas. Alas que uma floresta de colunas fecha em arcos de palmas e separa do jardim, os arcos de palmas da entrada triunfal de Cristo em Jerusalém.



O Claustro é, numa outra dimensão, a clausura do mosteiro, *hortus conclusus*, espaço físico, imagem espiritual e metáfora hortícola da alma consagrada a Deus.

“SCHOLA CARITATIS”, o claustro é a escola ao serviço do SENHOR, o lugar onde os justos entregam as suas vidas à preparação das suas almas para a derradeira subida aos Céus, a SALVAÇÃO em CRISTO. A Oficina onde se hão-de executar as *boas obras* conforme prescreve a Regra, nelas perseverando o monge todos os dias da sua vida, até à morte. Símbolo de sabedoria interior, incessantemente buscada na peregrinação da contemplação, a pinha é elemento dominante na figuração dos capiteis.

O Claustro organiza o espaço conventual, nele se erguendo todas as dependências da vida monástica: Capítulo, Refeitório, Sala dos Monges, Cozinha; no piso superior da galeria nascente, o Dormitório. Regulado pela Liturgia das Horas, o Claustro é espaço de vida quotidiana, simultaneamente funcional e imagem da alma contemplativa, *ora et labora*. Lugar de *contemplação*, na leitura dos textos sagrados o claustro era, nas “pequenas horas” desde a terça até às vésperas, um lugar de silêncio absoluto, mas também um local de passagem incessante. Só o Abade podia circular ao centro das galerias, os monges seguiam as paredes ou as arcadas.

Claustro das Procissões, do Silêncio ou de D. Dinis, em homenagem ao rei a quem coube fazer a obra do claustro regular, a epígrafe defronte da Casa do Capítulo regista que a construção teve início no dia 6 de Abril de 1308, estando presentes D. Pedro Nunes, Abade de Alcobaça, que lançou a primeira pedra, e Domingos Domingues, Mestre da obra *que El Rei e sua mulher, a famosa rainha D. Isabel, mandaram fazer para louvor de Deus, da S.<sup>ma</sup> Virgem e de todos os Santos, e para esplendor do dito mosteiro por suas almas e de seus progenitores que nele estão sepultados*.

A construção do Claustro foi dada por concluída no dia 11 de Novembro de 1311. No séc. XVI, D. Manuel acrescentar-lhe-á a galeria superior.